FORMAÇÃO DO OFICIAL DO EXÉRCITO

Francisco Alves de Andrade

(Análise proferida por ocasião do lançamento do livro **"Formação do Oficial do Exército"** em Fortaleza, na Livraria Renascença, na tarde de 11 de janeiro de 1977)

1. Formação do Oficial do Exército — um ensaio histórico em debate

Estamos aqui para saudar JEHOVAH MOTTA, o escritor e intérprete de História, que veio do Sul, trazendo um prêmio para o Ceará.

O prêmio é o seu livro — **"Formação do Oficial do Exército"**, pois, uma glória é para os seus conterrâneos esse primoroso fruto do seu labor.

Vem da seara do seu retraimento, onde o pensador, neste generoso, imenso e inquieto País, situa-se como aqueles legendários heróis da Eneida, que após a tempestade arrojada pela inconstância dos deuses, restam como **rari nantes in gurgite vasto.** Todavia, consciente do amor à Pátria em sua lida, transfigura-se no mergulhador que desce à profundidade do oceano. E desaparecido em tão longa sondagem, volta mais forte no tempo, trazendo nas mãos o encanto da verdade descoberta, que é missão do historiador.

O livro é uma real retrospecção vivida pelo profissional das armas nacionais. É um documento de paciência em que reluz o talento, que veio ao mundo para servir à humanidade e ao Brasil.

Reflexivo, inteligente, culto de verdade, revela-nos aquele saber de experiências feito. De início, como para uso de sua própria mensagem, guarda na mente interrogações que, desde quando aluno da Escola Militar

do Realengo, acompanham o oficial do exército e pedem ao General, na maturidade de sua carreira, uma resposta viva.

Que problemas assaltavam o espírito do jovem aluno? Dois deles se encontram na apresentação do livro, ditos por ele mesmo: 1) qual a racionalidade do plano de estudos a que nos submetiam? 2) a didática em uso corresponderia aos melhores ensinamentos pedagógicos? Eis que agora o autor numa visada desde 1810 e 1944, que corresponde a sua vivência, põe em mãos do leitor o seu livro que é, segundo as suas palavras textuais: **"um ensaio de história e um debate de assuntos pedagógicos, abordando, em essência, a questão das bases da estrutura intelectual da oficialidade brasileira".**

2. Da Real Academia Militar ao Realengo — uma evolução histórica, social e política

No plano geral que esboçou, como na metodologia que seguiu, vê-se logo que não se trata de uma rotina comum a fatos simplesmente relatados ou cronologicamente situados, sem a análise e interpretação crítica que se requer.

Certo que não encontraremos em seu ensaio uma visão estática das coisas, mas o jogo dinâmico da história ativa, em que podemos através das preocupações com a formação do oficial do exército, acompanhar o Brasil em sua marcha evolutiva, isto é, em sua formação, sob múltiplos aspectos de sua vida econômica, social e política.

Tudo se passa no plano dialético da natureza — da sociedade, do homem e das coisas. Há uma Nação que anda sobre contrastes e alvoroços que tumultuam. Mas, todo o processo é global e dinâmico, despertando consciências no relacionamento das idéias e fatos.

O autor desenvolve o plano geral do seu livro em cinco períodos: A) **De 1811 ao advento da Regência,** fazendo um retrospecto desde a criação da Real Academia Militar; tratando ainda do Estatuto de 4 de dezembro de 1810 e dos resultados de vinte anos de aplicação de um currículo. Num 2o. período — B) considera os **estatutos de uma era tumultuosa,** em três temas: Situação do Brasil de 1831 a 1850; a história

atormentada de cinco reformas; a evolução curricular. Em um 3o. período — C) trata do assunto no **Fastígio do Império,** examina então o Panorama geral, vê o ensino em busca de rumos, passando ao exame do tema — A Academia e suas escolas. Em um quarto período — D) mostra com apoio em J. Cruz da Costa (Contribuição das Idéias no Brasil), que, por volta de 1870 um novo período se abre na história do pensamento brasileiro, com matrizes originadas na filosofia dos séculos XVII e XVIII. Ressalta a legenda de Silvio Romero, para quem "um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte". Trata ainda do exército após a guerra do Paraguai, da renovação cultural de Benjamin Constant, reformas do regulamento e da cena política: Abolição e República. Este é o período considerado como aqueles **em que morrem e nascem os regimes.**

"Enquanto definham os recursos financeiros para as necessidades mais urgentes," o Exército voltou do Paraguai transformado em verdadeira caixa de problemas. Vitorioso, com chefes elevados à altura de figuras nacionais, com um grupo de oficiais atento às mutações de toda a ordem que se operavam no mundo, e aos aspectos negativos e retrógados da vida brasileira, não escaparia à tendência de envolver-se nos acontecimentos sociais e políticos. . . . . Fez-se assim um inconformado e acabou por constituir-se fator atuante no grande complexo de inquietação e de crítica que deu por terra com o Trono".

Chega o autor afinal ao 5o. Período — E) em que centraliza o que considera como **"A era do Realengo".** Estuda então este preliminar de transição e mostra-nos o Exército na República — Os compromissos do Regime, detendo-se em conclusões sobre o currículo e a didática entre 1905 e 1945.

Reconsidera o trabalho dos pioneiros, fazendo sentir que, "a partir de 1913, foram definindo e prescrevendo uma doutrina moderna didática, segundo as normas da melhor "escola ativa" e atenta aos princípios da melhor psicologia da aprendizagem". Todavia, do ponto de vista pedagógico e didático que o autor viu e sentiu no seu caminho, colhemos no final estas suas ponderações que pesam não apenas na formação do oficial do exército, mas caem sobre toda a formação cultural dos vários campos de ensino e educação no Brasil:

> "Numa palavra, somando tudo num juízo final, o ponto fraco deste corpo docente, não terá sido a ausência de saber e sim a insufi-

> ciência no transmitir. . . . . Também a história (refere-se ao que o autor observou no Realengo) não poderá deixar de reconhecer que a didática posta em prática não perderá na comparação que se quiser fazer entre ela e aquelas utilizadas nas demais escolas superiores do País. Mais teórico e livresco e verbalista do que o ensino do Realengo foram aqueles ministrados, na época, aos engenheiros civis, aos médicos e aos bacharéis em direito".

3. Juízo da crítica e amplitude da matéria

Perdoai-nos a divagação, pois, não estamos apresentando o livro, para o que nos falece competência e especialização na matéria, simples professor de agronomia, embora membro do Instituto Histórico do Ceará. Todavia, não poderíamos deixar de dar um relance na substância de tão densa e documentada obra, editada no Rio de Janeiro pela Companhia Brasileira de Artes Gráficas em fins de 1976, contendo 368 páginas de verdadeira tese científica, apoiada em 314 notas de documentos maciços, ilustrada por nove quadros demonstrativos ou mapas de currículos do ensino e regimes da Academia Militar, desde 1810 a 1944.

A esta altura deveremos citar agora a mais alta expressão de autoridade como historiador na América do Sul, o sábio JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES que, em recente artigo publicado no Jornal do Brasil, assim se refere ao livro que o nosso querido conterrâneo quis lançar em primeiro fluxo em sua terra natal, aqui na Livraria Renascença:

"JEHOVAH MOTTA, General da Reserva, sobrinho-neto de Capistrano de Abreu, acaba de publicar um livro de excepcional interesse para todos os estudiosos brasileiros. Formação do Oficial do Exército é muito bem concebido e elaborado.

A obra de JEHOVAH MOTTA se incorpora aos clássicos da historiografia do Exército e ele se iguala aos Tasso Fragoso, Paulo Cidade e Leitão de Carvalho pela significação e importância de sua contribuição, onde se integram a formação do oficial, a história do Exército e a participação política".

Ousaremos acrescentar que esse livro não cobre apenas a literatura do ensino militar, pois, transcende seus limites tocando o âmago da forma-

ção cultural e política do Brasil. Seus assuntos pedagógicos interessam também à própria Universidade Brasileira, carecedora sempre de crítica e análise fundamental, de diagnóstico e debates em suas reforças, que não escaparão ao domínio e juízo da História.

Diremos agora que docentes e discentes das nossas Universidades estão a fazer hoje a quantos são responsáveis pela educação brasileira aquelas mesmas perguntas que assaltavam o jovem cadete Jehovah em sua Academia do Realengo:

1o. — Qual a racionalidade dos planos de estudos a que somos submetidos?

2o. — A didática em uso e as conseqüências da reforma universitária correspondem aos melhores ensinamentos pedagógicos ou seja à formação que convém ao homem e ao Brasil?

São estas linhas de preocupações que tornam verdadeiro, científico, por sua integridade cultural, o livro do General JEHOVAH MOTTA. Sua pesquisa vem lembrar outros campos que deverão ser revistos e considerados.

4. A revolução científica, reflexão e História. A UNESCO e os impositivos das transformações.

A Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, estabelecida pela UNESCO, vem de apresentar por Edgar FAURE um trabalho coletivo, elaborado pelas mais altas autoridades científicas no mundo, segundo o qual, o fim da Educação é "permitir ao homem ser ele próprio, isto é, "vir a ser". E lemos naquele grandioso estudo a seguinte ponderação:

"A revolução científica e técnica, a enorme corrente de informação que se oferece ao homem, a presença de gigantescos meios de comunicação e numerosos outros fatores econômicos e sociais modificaram consideravelmente os sistemas tradicionais da educação, colocando em evidência a fragilidade de certas formas de instrução, e a força de outras, alargando as funções do autodidatismo e aumentando o valor das atitudes ativas e conscientes de aquisição de conhecimentos. O prestígio do ensino baseado na reflexão cresce".

A meta da educação permanente passa a constituir a chave dos problemas. Clama-se pela mais completa transformação dos sistemas.

"O livro caindo n'alma"
— congratulações dos cearenses

Eis que, finalizando estas considerações, diremos que o estudo do nosso conterrâneo é como "o livro caindo n'alma", pois, ele nos parece no plano do ensino baseado na reflexão. Por isso, estão de parabéns o Exército e o Brasil. E por uma razão mais próxima e afetiva, a terra cearense, que, neste instante, recebe carinhosamente e saúda o autor como a mais fina, sedosa e resistente fibra do seu caráter e do seu coração.

A História, no dizer de Cervantes, é êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso para o presente, advertência para o futuro.

A História humana, porém, que, na conceituação de WELLS, é em essência uma história das idéias, afigura-se-nos naquela imagem de Oliveira Martins como uma grande curva descrita no espaço, rastro luminoso do mais brilhante planeta: o homem! Saudemos, como bons brasileiros, o homem JEHOVAH MOTTA, que escreveu e publicou um livro de sua inteligência para o Brasil.